

EM DEFESA DE UMA RAZÃO PÚBLICA

As práticas de “comunização” do saber, de assistência mútua, de trabalho cooperativo *podem* indicar os traços de *outra razão do mundo*. Não saberíamos designar melhor essa razão alternativa senão pela *razão do comum*.

A nova razão do mundo, Pierre Dardot e Christian Laval

Muitas coisas aconteceram desde o lançamento da nossa última edição. O editorial de 16.1 alertava que “no momento, nossa perplexidade diante dos últimos acontecimentos no país dá a esse editorial um tom muito menos festivo dos últimos números”. A perplexidade é a mesma. Os acontecimentos são outros, embora façam parte de um contínuo. Se à época da publicação de nossa última edição o tom do editorial já era menos “festivo”, hoje, poucos meses depois, este editorial se assume em nada festivo.

Certamente a Revista *Habitus* sabe da importância de um espaço como esse para a trajetória de muitos graduandos, e vem enfatizando isso há muito tempo. Sabe, também, que a publicação e divulgação de trabalhos científicos é de extrema relevância para o desenvolvimento de qualquer ciência, e por isso insiste na sustentação desse espaço no âmbito da graduação que, como já alertamos nos últimos números, anda cada vez mais escasso, precário, por vezes insustentável.

A Revista *Habitus* torna pública a sua edição 16.2. O atraso, menos por certa displicência de seus editores e mais por uma conjuntura política conturbada, pode, infelizmente, já ser um indício de que nos espera daqui para frente: a dificuldade de se proporcionar de maneira qualificada e gratuita a divulgação de pesquisas acadêmicas, resenhas e entrevistas feitas por graduandos em Ciências Sociais no Brasil. Em um cenário nada animador, o governo dispõe de toda uma retórica discursiva – que não explica nada! – para implementar suas políticas de austeridade, cortando investimentos em áreas há muito deficitárias, pondo goela abaixo reformas suspeitas em suas finalidades. Não é surpresa para ninguém o risco que as Universidades Públicas correm no que diz respeito a ensino, pesquisa e extensão de qualidade, prezando a gratuidade a serviço dos cidadãos. Um contexto em que o atraso deixa de ser irresponsabilidade e se torna, de certo modo, um anúncio de continuidade; no qual os cortes de investimentos nas universidades públicas (que atinge principalmente as pesquisas nas humanidades) nos impõem uma lógica cruel de concorrência e produtividade que, em um cálculo de custo e benefício, dar um parecer para um artigo pode ser perda de tempo. Este editorial, mais que um pedido de desculpa pelo atraso da edição, é a maneira da Revista *Habitus* dizer que, apesar de tudo, continuaremos, porque é preciso continuar.

Antes de apresentar a edição, a Revista *Habitus* expressa solidariedade à Universidade do Estado do Rio de Janeiro. A UERJ, não é de hoje, configura como um centro de excelência em desenvolvimento científico a serviço sociedade, como um compromisso político que as instituições de ensino devem ter – principalmente as instituições públicas –, colaborando na construção de uma sociedade mais justa – compromisso que falta a muitos governos. O governo do Estado, por sua vez, substituiu no seu discurso o “legado olímpico” por “crise orçamentária”, colocando milhares de trabalhadores e trabalhadoras em condição de desamparo; as Instituições do Estado ficaram entregues a própria sorte, como é o caso da UERJ, que vinha funcionando de maneira precária até chegar ao ponto do insustentável, condição em que se encontra a pelo menos dois meses.

A UERJ não é um caso isolado. Muitas Universidades Públicas vêm funcionando de maneira precária há muito tempo. A realidade hoje da UERJ deve mobilizar não só ela mesma, mas a todas as universidades que prezam por um ensino gratuito, qualificado e de excelência, em termos de retorno social de suas produções. Essa conjuntura deve, portanto, mobilizar a UERJ, UENF, UNIRIO, UFRJ, UFF, USP, UNESP, UFMG, UFBA, UFMA, UFPB etc., entendendo que se trata de uma defesa inexorável das Universidades Públicas, do ensino público, em suma, uma mobilização em defesa de uma *razão do comum* contrária à lógica neoliberal que assola todas as dimensões de nossas vidas.

Vamos à edição de 2016.2. Este número conta com oito artigos, uma resenha e uma entrevista.

No artigo de Elisa Vasconcelos, **“A percepção da elite burocrática brasileira e uruguaia sobre a pobreza e a desigualdade”**, como o nome já sugere, aborda o “papel estratégico desempenhado pelas elites na implementação de políticas públicas”. A partir da percepção das “elites burocráticas”, usando base de dados com resultados de survey, a autora apresenta seus resultados acerca do combate à pobreza na percepção dessa classe.

O artigo de Danilo Moreira dos Santos, **“Patrimonialismo e os limites entre público e privado no Brasil sob a ótica de Raymundo Faoro e Oliveira Viana”**, traz temas clássicos da teoria social, como é o caso do “Estado Patrimonial” e a “antinomia público/privado”, e comparando dois autores importantes na sociologia, busca apresentar as consequências desses fenômenos sociológicos na sociedade brasileira.

Patrícia Maria Apolônio de Oliveira e Thiago César Martins do Nascimento apresentam uma importante reflexão acerca de “educação não formal” no artigo **“Educação não formal, fundação Ana Lima e o projeto Ilhas: seria este um campo de atuação do cientista social?”**. A partir de um estudo empírico realizado na Fundação Ana Lima, tendo como foco o Projeto Ilhas, os autores observaram o “processo de formação cidadã dos jovens atendidos pelo projeto”. No desenvolvimento do trabalho os autores perceberam algumas “ranhuras nos processos educativos” e viram a emergência de um “campo fértil” para a atuação profissional de cientistas sociais.

Em **“Eleições, partidocratas e messianistas: para uma sociologia da orientação do voto dos cariocas”**, os autores Daniel Henrique da Mota Ferreira e Patrick Ely Pinheiro analisam o que chamam de “crise de credibilidade das nossas instituições representativas”, pela qual visam “iluminar a questão do lugar ocupado por partidos e candidatos na motivação de voto dos cariocas”. Na pesquisa realizada aparece certa tendência dos cariocas ao “messianismo”, donde leva os autores a concluir que a “ênfase no candidato ainda é maioria absoluta em nossa população”.

Em **“Sociologia, reificação e dialética no pensamento de Theodor W. Adorno”**, o autor busca comentar e reconstruir alguns argumentos que o autor alemão apresenta como fundamentais para sua proposta de sociologia. Nas palavras do autor, Vinícius Dino, “esse exercício visa principalmente a elucidar melhor a estrutura e os sentidos de tais argumentos”, para o qual ele parte de dois eixos temáticos: *reificação e dialética*, observados por Adorno em suas reflexões sociológicas.

Seguindo na mesma levada de estudos sobre elites, **“Manutenção do poder das classes dominantes no Brasil: uma análise a partir dos intérpretes clássicos do pensamento social e recentes avaliações históricas sobre o tema”**, de Frederico Romanoff, o artigo analisa os mecanismos das classes dominantes para manutenção de seu poder. O autor mobiliza ensaios clássicos sobre o tema, dialogando com trabalhos mais recentes.

Fruto de uma etnografia realizada na Barra da Tijuca, Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, o artigo **“Dramas, conflito e convergências: a Vila Autódromo em contexto de remoção”** trata das transformações urbanas ocorridas na região da cidade que foi apelidada de “Barra olímpica”. Rodolfo Teixeira Alves acompanhou a mobilização da Vila Autódromo no processo de remoção desencadeado na comunidade para a construção do “Parque Olímpico”, que, pela convergência de muitos fatores, ganhou notoriedade nacional e internacional.

Encerrando a lista de artigos, **“Diálogos (Im)possíveis?: um improvável encontro entre povos indígenas e ativistas anarquistas”**, de Fernando Fernandes de Carvalho, traz duas importantes etnografias, *A Queda do Céu*, de Davi Kopenawa e Bruce Albert, e *Direct Action*, de David Graeber, para mostrar experiências de grupos em “um contexto onde, cada vez mais, vozes dissonantes são vistas como ingênuas, ignorantes, utópicas ou um pouco de cada”. Relacionando dois recentes (e importantes) trabalhos, Fernando constrói seu artigo buscando trazer, para tal contexto, “visões distintas, estranhamentos e outras interpretações”.

A resenha que sai nessa edição, elaborada por Anthony Rodrigues, é do livro **“24/ - capitalismo tardio e os fins do sono”**, de Jonathan Crary, que foi lançado em 2014 pela hoje extinta Cosac Naify. No texto, o autor expõe o argumento central do ensaísta estadunidense Jonathan Crary acerca dos conceitos de modernidade 24/7, hiperconexão e seus desdobramentos psicossociais – sendo o principal deles o tempo de sono –, com enfoque no período sociologicamente chamado de “capitalismo tardio” pelos teóricos neomarxistas.

O entrevistado desta edição é **José Reginaldo Gonçalves**. A conversa se desenvolveu a partir de sua trajetória acadêmica, os temas trabalhados em suas pesquisas e sobre a sua recente aposentadoria. José Reginaldo tem uma extensa carreira na área da antropologia, tendo trabalhado com temas como memória e patrimônio. Em razão de sua aposentadoria, José Reginaldo diz que encerrou “um determinado modo de inserção dentro da Instituição”, que vai continuar com o LARRES (Laboratório de Antropologia da Arquitetura e dos Espaços) e na pós-graduação (PPGSA/IFCS), além de continuar com suas orientações acadêmicas.

Por fim, é claro que o novo número da Revista *Habitus* é digno de louvor! Essa edição é fruto de um trabalho colaborativo entre Comitê Editorial e autores, além dos pareceristas que potencializaram a qualidade dos artigos com seus comentários aos trabalhos apresentados. Por isso gostaríamos de agradecer a colaboração de Maria Soares de Macedo, Jailze de Oliveira Santos, Jairo Nicolau, José Paulo Martins, Fernanda Xavier da Silva, Matheus Silveira Lima, Elsio Lenardão, Letícia de Luna Freire, Anelise dos Santos Gutterres, Daniela Tonelli Manica, Raphael Bispo, Marco Cadona, Antônio Brasil Jr., Ícaro Engler, Samuel Cândido de Souza.

A Revista *Habitus* reafirma o seu compromisso em continuar provendo um espaço de qualidade, colaborando com os debates públicos feitos no âmbito das Ciências Sociais, apresentando os trabalhos de graduandos, entendendo a importância disso para bom andamento de nossa prática científica. E segue torcendo por dias e conjunturas dignas de festejo.

Boa leitura!

COMITÊ EDITORIAL REVISTA HABITUS | IFCS – UFRJ